# OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DE ALUNOS CADEIRANTES NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ana Jessica de Sousa Lopes1

Ana Rosa Silva Santos2

Anne Heracléia de Brito e Silva 3

Wanderson Rocha de Carvalho4

Jairo da Costa Souza5

**RESUMO**

O estudo examina os desafios na inclusão de alunos cadeirantes nas aulas de educação física, identificando obstáculos estruturais, como a falta de acessibilidade em instalações esportivas, e desafios educacionais, incluindo a necessidade de adaptação curricular e a falta de preparo dos professores. A pesquisa destaca a importância de políticas públicas que promovam a inclusão, além de treinamentos específicos para os educadores, visando a criação de um ambiente que favoreça a participação plena e efetiva desses alunos. O artigo conclui que a inclusão verdadeira exige mudanças tanto na infraestrutura quanto nas abordagens pedagógicas, promovendo igualdade e acessibilidade para todos os estudantes.

**Palavras-chave:** Alunos cadeirantes, Adaptações, Obstáculos.

**1 INTRODUÇÃO**

A Inclusão de alunos cadeirantes na educação física enfrenta diversos desafios e obstáculos, que vão desde questões estruturais até atitudes sociais. O conceito de educação inclusiva se dá por alguns aspectos como, compartilhar o mesmo espaço físico, integração na sociedade, adaptações no ensino, partição de todos nas aulas e o direito à educação (Santos, N 2014).

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1 Acadêmico do curso de bacharelado em educação física da faculdade Chrisfapi

2 Acadêmico do curso de bacharelado em educação física da faculdade Chrisfapi; técnico em secretariado

3 Formada em psicologia; docente da faculdade Chrisfapi

4Mestre em Física – UECE. Graduado em Educação Física – UESPI. Docente do curso de Bacharelado em Educação Física - Christus Faculdade do Piauí.

5Especialização em Reabilitação Cardíaca e Prescrição de exercícios físicos para grupos especiais pela Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí, Brasil. Coordenador do curso de Bacharelado em Educação Física – Christus Faculdade do Piauí.

De acordo com Moraes (2007), verificam-se constantemente a falta de infraestrutura inadequada nas escolas, quando o assunto é escola muitas não estão equipadas com instalações acessíveis, como rampas, banheiros e equipamentos esportivos adaptados, dificultando a participação dos alunos cadeirantes.

A falta de formação dos professores de física muitas vezes não recebe treinamento adequado sobre adaptar as atividades para alunos com deficiência, o que pode resultar em exclusão e falta de oportunidades para esses alunos (Kowaltowski, 2014).

O preconceito com alunos cadeirantes podem enfrentar estigma e preconceito por partes dos colegas quanto dos próprios professores, que podem subestimar as habilidades dos alunos cadeirantes, A inclusão de alunos com deficiência, conforme apontam Souza e Nogueira (2017) é um tema amplamente discutido desde 1994, quando foi feita a Declaração de Salamanca, apesar disso, ainda é preciso ampliar tais discussões para que possam refletir em práticas pedagógicas que objetivem, de fato, incluir estes alunos nos processos de ensino.

Frente a isso, as instituições educacionais precisam repensar os currículos de forma a incluir os alunos com deficiência nas atividades coletivas, de grande importância para o desenvolvimento integral da criança com deficiência, ao proporcionar apropriação da cultura corporal de movimento, a socialização, a interlocução, entre outros importantes elementos que fazem parte das práticas educativas. Muitas instituições têm realizado mudanças tanto nas práticas quanto em sua estrutura física a fim de atender a este objetivo.

Assim, entende-se que uma pessoa com deficiência vivência muito mais a diferença pela experiência no campo social do que pela limitação da própria deficiência. (Lana Junior, 2010).

**2 OBJETIVO**

Analisar os desafios enfrentados pelos alunos cadeirantes nas aulas de educação física e investigar o quanto a prática esportiva vai ser essencial a vida desses alunos, visando contribuir para um melhor desenvolvimento cognitivo, motor e uma boa saúde mental.

**3 MÉTODO**

A abordagem refere-se a uma revisão integrativa, a qual é um método que se caracteriza pela inclusão das evidências nas pesquisas, que tem como finalidade, reunir e sintetizar resultados de pesquisa sobre o tema em questão: os desafios da inclusão de alunos cadeirantes na de educação física (Mendes; Silveira; Galvão, 2008). Esse tipo de estudo tem como pretensão realizar uma análise sobre o conhecimento já construído em pesquisas anteriores sobre o determinado assunto (Botelho; Cunha; Macedo, 2011).

Segundo Moreira (2014), uma revisão integrativa pode ser desenvolvida mediante o seguimento de seis etapas, as quais são: identificação do tema e seleção da questão da pesquisa; coleta de dados através de artigos científicos e estabelecimentos de critérios de inclusão e exclusão; identificação de estudos pré-selecionados e selecionados; caracterização de estudos selecionados; análise e interpretação de resultados; apresentação e síntese do conhecimento.

Essa etapa do processo de criação de uma revisão integrativa se inicia com a designação de um problema e a elaboração de hipótese ou questão de pesquisa que presente relevância. Sendo assim, torna-se de fundamental importância na condução de uma revisão integrativa bem elaborada, pois o assunto é delimitado de forma clara e específica, com a finalidade de que a pesquisa seja realizada de forma direcionada e completa, com conclusões de fácil aplicabilidade e entendimento (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

**4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As dificuldades em que os cadeirantes têm enfrentando para ser inserido nas práticas esportivas têm sido bastante claro. Nessa perspectiva, convém informar, que através de estudos brasileiros e artigos científicos acerca deste problema, tem colaborado para comprovar sobre os empecilhos da integração de alunos com necessidade especial na educação física.

De acordo com (Tessaro 2005). “Incluir representa muito mais do que inserir fisicamente pessoas deficientes no ensino regular ou em um ambiente comum, a inclusão implica em dar outra lógica à escola, isto é, pensar em uma escola que não deixe nenhum aluno de fora.”

É fundamental pontuar que a falta de acessibilidade tem contribuído para intensificar tal problemática. já que por ser portador deficiência, necessita ter acesso aos materiais para poder realizar atividades específicas que ajudem na hora de realizar exercícios nas aulas práticas. Nesse sentido, é importante ter total apoio da escola e do profissional de educação física para que tenham todos os recursos necessários para atender a necessidade física do cadeirante. Vale ressaltar, que é importante que os cadeirantes possam participar das aulas práticas e de brincadeiras lúdicas, pois vai proporcionar a interação social com a turma, fazendo assim com que crie laços de amizade e companheirismo com os demais colegas de classe, pois sem a participação deles nestas atividades físicas, serão excluídos, facilitando assim o preconceito e a indiferença por parte dos outros estudantes.

Pois segundo (Cruz; Barreto, 2003) Todas as brincadeiras lúdicas ou não devem atender todos os alunos tendo ou não alguma deficiência, mesmo sendo uma forma de descanso, uma diversão ou até mesmo se desenvolverem. Tendo em vista construir oportunidades para todos aprenderem os conceitos, mas com isso acaba sendo visto negativamente por conta de preconceito, todos mesmo com suas deficiências sabem fazer de tudo, brincar, andar, se diverti, com isso e de extrema importância ensinar e mostrar para todos que é possível e fácil de interfira com a diferença.

Portanto, é necessário que o cadeirante seja incluído na educação física, pois vai favorecer não só a interação social com os colegas, mais como também a autoestima e a saúde. Com intuito de evitar o preconceito por conta das diferenças físicas e a exclusão deste grupo especial nas aulas práticas esportivas.

Na Antiguidade, a segregação e o abandono das pessoas com deficiência eram institucionalizados; eram vistas como doentes, incapazes, alvo de caridade popular, de assistencialismo social, e não como sujeitas de direitos sociais, à saúde, à educação, à Educação Física e aos esportes (Darido, 2007).

Conforme citado na literatura, na Roma Antiga as crianças que nasciam com algum tipo de deficiência eram afogadas, por serem consideradas anormais e débeis; havia também uma lei que dava ao pai o direito de eliminar a criança logo após o parto se ela apresentasse alguma anomalia. Na Grécia Antiga, as pessoas com deficiência eram mortas, abandonadas à sua sorte e expostas publicamente. Na Idade Média, a deficiência era ligada à marca do pecado, à culpa ou a qualquer transgressão social ou moral, o que impedia o contato com os seres divinos.

Os loucos, os deficientes mentais e criminosos eram considerados possuídos pelo demônio; dessa forma, tinham que ser excluídos da sociedade, enquanto os cegos e os surdos eram vistos com poderes e dons sobrenaturais.

Com isso, pode-se compreender que desde antigamente os deficientes passavam por diversas dificuldades, em que até mesmo por ter nascido diferente, não tinham direito de viver e simplesmente eram desprezados e abandonados por sua própria família. Além de que, acreditavam que era o castigo de Deus, por ter nascido com necessidade especiais. Sendo assim, o cadeirante não poderia usufruir do convívio social, inclusive de obter educação escolar devido suas limitações e principalmente do direito à vida e a igualdade, já que eram mortos no nascimento se possuísse alguma anomalia.

Segundo Rodrigues (2003), a Educação Física mostrou-se à margem das discussões sobre o movimento de inclusão, dominantes em nosso país desde a década de 1990. Embora muitas crianças com deficiência até consigam ter acesso à escola regular, em alguns casos são dispensadas das aulas de Educação Física, normalmente pela insegurança por parte do professor. Para o autor, a Educação Física na escola deve ser assegurada como um direito do aluno e não colocada como uma opção a ser descartada.

Assim sendo, nenhum aluno pode ser dispensado da disciplina, ainda que de seu aspecto teórico. Ressalta-se ainda a questão da formação dos profissionais de Educação Física que atuarão na escola, visto que, muitas vezes, estes não obtêm informações acerca das deficiências apresentadas pelos alunos, assim como suas reais limitações e possibilidades. Nesse contexto, pode-se entender que por conta de se tratar de alunos cadeirantes, muitos profissionais formados em Educação Física sentem dificuldade e não sabem lidar com tal grupo, impossibilitando assim a participação deles nas aulas.

Por isso, deve-se ter total apoio tanto da escola como do professor de educação física. Já que, para Doulkeridou et al. (2011), a mudança de atitudes por parte dos professores é fundamental para que estes possam desenvolver comportamentos mais favoráveis no sentido da inclusão de alunos com deficiência. Segundo os autores, a atitude indica a predisposição de aderir ou evitar alguma situação.

Assim, atitudes positivas por parte dos professores podem influenciar fortemente uma abordagem positiva em relação à inclusão escolar, tornando o processo mais benéfico e enriquecedor. Ainda Greguol e Rose Junior (2009) pontuam que algumas variáveis poderiam interferir na atitude dos professores de Educação Física para com os alunos com deficiência, tais como a preparação acadêmica e a experiência prévia no atendimento a esse grupo específico.

Ademais, o profissional de educação física deve atuar como mediador no processo de aprendizagem do aluno cadeirante. Já que é ele que vai criar uma comunidade inclusiva, além de promover o sentimento de pertencimento e acolhimento, sendo que vai favorecer uma aproximação com os outros colegas, fazendo assim com que faça novas amizades. Então, é muito importante que o educador físico tenha essa capacidade de saber ensinar, dar total apoio e incluir o aluno especial nas aulas, para que possa ter uma confiança mútua entre os dois, garantindo assim com que ele se sinta acolhido e incluindo, sem se sentir desprezado pelos docentes e estudantes.

De acordo com Souza, Silva (2005) alertam em seus trabalhos que a acessibilidade humana é um dos maiores desafios da área educacional e consequentemente dos professores da Educação Física, durante a inclusão de alunos com deficiência nas aulas regulares, relatam os professores entrevistados na pesquisa que o preconceito, a aceitação dos colegas, o entrosamento, o relacionamento, a rejeição, a discriminação, o medo dos alunos em se exporem, a timidez e a vergonha são as principais dificuldades enfrentadas em seu cotidiano. Nesse sentido, tudo isso contribui para a exclusão do estudante cadeirante nas de educação física.

Conclui-se que é necessário que se desenvolva uma conscientização com os alunos para que aprendam a conviver com a diferença e possam aprender através dela. Garantir a acessibilidade física é um dos recursos necessários para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física, assegurar essas estruturas são medidas governamentais, ressaltamos que a convivência é sem dúvida a principal barreira de acesso para os alunos com deficiência nas redes públicas de ensino e que é responsabilidade do professor de Educação Física diminuir essa barreira entre os alunos elaborando atividades em que a solidariedade e a cooperação com o aprendizado ocorra de ambas as partes.

Sendo que, a convivência de alunos com deficiência e alunos sem deficiência é a principal atitude para acabar com a barreira da acessibilidade, mesmo que a escola por algum motivo não esteja adaptada, mas em contrapartida possui humanização e solidariedade ela consegue enfrentar os problemas e incluir os alunos com deficiência nas aulas de Educação Física permitindo que eles executem as atividades sem exposições às situações indesejáveis.

Em vista disso, concluímos que a acessibilidade é um conjunto de adaptações necessárias para que os alunos com deficiência possam participar de forma segura das aulas, compartilhando cada um na sua especificidade os conhecimentos transmitidos pelas disciplinas, podendo ir e vir no ambiente escolar. Dessa forma, sem materiais adequados e específico para promover um melhor desenvolvimento nas aulas práticas, o aluno cadeirante não poderá fazer determinada atividade física na aula, impossibilitando de desfrutar de tal exercício físico.

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, pode-se notar o quanto os cadeirantes passam por diversas dificuldades para ser incluindo nas aulas de educação física, tanto em relação ao preconceito, como a falta de acessibilidade e o descaso do educador físico com relação ao aluno especial.

É válido destacar, o quanto é importante o apoio tanto da escola como também do docente, para que o estudante cadeirante possa ser introduzido em todas as atividades práticas, fazendo assim com que tenha o mesmo direito em relação aos outros alunos, sempre respeitando as diferenças, assim promovendo um ambiente acolhedor.

Portanto, espera-se que este artigo científico possa ser um material de divulgação, em que todos os indivíduos possam ter acesso, para que tenham conhecimento acerca dos desafios em que os cadeirantes enfrentam, possibilitando assim o devido direito à essa classe especial.

**REFERÊNCIAS**

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. Gestão e Soc, v. 5, n. 11, p. 121-36, 2011.Disponível: em: http://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/viewFile/1220/906. Acesso em: 13 mar 2024.

BRITO, R. F. A.; LIMA, J. F. Desafios encontrados pelos professores de educação física no trabalho com alunos com deficiência. Corpo, movimento e saúde, Salvador, v.2, n.1, p.1-12, 2012.

CRUZ, G. C. Formação continuada de professores de Educação Física em ambiente escolar inclusivo Londrina: Eduel, 2008.

CRUZ, L. R; Barreto, Sidirley. J. A Importância Do Lazer Na Inclusão Da Pessoa Portadora De Deficiência Mental Na Sociedade. Revista Leonardo Pós Órgão de Divulgação Científica e Cultural do ICPG, Vol. 1 n.2 - jan.-jun/2003. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104- 12902011000200010>. Acesso em: 15 abr 2024.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Para ensinar Educação Física: possibilidade de intervenção na escola. Campinas: Papirus, 2007.

DOULKERIDOU, A. et al. Attitudes of Greek Physical Education teachers towards inclusion of students with disabilities in Physical Education classes.International Journal of Special Education, v. 26, n. 1, p. 1-11, 2011.

FALKENBACH, A. P.; LOPES, E. R. Professores de Educação Física diante da inclusão de alunos com deficiência visual. Pensar a Prática, Goiânia, v.13, n.3, p.118, 2010.

FIORINI, M. L. S. Concepção do professor de Educação Física sobre a inclusão do aluno com deficiência. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2011.

GREGUOL, M.; ROSE JUNIOR, D. de. Percepções dos professores quanto à inclusão de alunos com deficiência em aulas de educação física. Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 119-140, 2009.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. (2014). Arquitetura escolar: O projeto do ambiente de ensino. Oficina de Textos.

LANNA JUNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. 443p.: il. 28X24 cm

LOPES, I. L. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. Ciência da Informação, Brasília, v. 31, n. 2, p. 60-71, maio-ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo. br/pdf/ci/v31n2/12909.pdf. Acesso em: 13 mar 2024.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C.; GALVÃO, M.C. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Rev. Texto Cont. Enf. v.17, n.4, p.758-764, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf. Acesso em: 13 mar 2024.

Moraes, M. G. de. (2007). Acessibilidade e inclusão social em escolas. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru.

MOREIRA, L. R. Manual revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências. Belo Horizonte: Grupo Anima educação, 2014. Disponível em:http://disciplinas.nucleoead.com.br/pdf/anima\_tcc/gerais/manuais/manual\_revisao.pdf. Acesso em: 13 mar 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: Inclusão Escolar: Pontos e contrapontos. Summus Editorial, São Paulo, 2006.

MORLEY, D. et al. Inclusive physical education: teachers' views of including pupils with special educational needs and/or disabilities in physical education. European Physical Education Review, v. 1, n.1, p.84-107, 2005.

SOUZA E NOGUEIRA, Giovani Cavalheiro et al. Perfil das pessoas com deficiência física e Políticas Públicas: a distância entre intenções e gestos. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3131-3142, out. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413- 81232016001003131&Ing pt&nrm-iso>. Acesso em: 15 abr 2024.

POMPEO, D. A.; ROSSI, L. A.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: etapa inicial do processo de validação de diagnóstico de enfermagem. Acta Paulista de Enfermagem. v.22, n.4, p. 434-438, 2009. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n4/a14v22n4.pdf. Acesso em: 13 mar 2024.

RODRIGUES, D. As dimensões de adaptação de atividades motoras. In: Atividade motora adaptada: alegria do corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

RODRIGUES, D. A Educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceptuais e metodológicas. Revista da Educação Física da UEM, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003.

SANTOS, N. DE S; MENDES, J. DE S; LADISLAU, C. R. Educação física escolar: dificuldades e estratégias. In: Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, 5. Anais... Lavras: UFL, 2014, p. 3. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/5sudeste/lavras/paper/viewFile/6383/3226>. Acesso em: 15 mar 2024.

SOUZA, Sônia Bertoni; SILVA, Rossana Valéria de Souza. Educação Física Escolar e a Inclusão da Pessoa com Deficiência nas redes Municipal e Estadual de Uberlândia. Revista Especial de Educação Física, edição digital, n.2, p.77-88, 2005.

TESSARO, N S. Inclusão Escolar: concepções de professores e alunos da educação regular e especial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

URSIU, E.S.; GALVÃO, C.M. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. Rev Latino-am Enfer., v. 14, n.1, p.124-31, 2006. Disponível em< http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n1/v14n1a17>. Acesso em: 13 mar 2024.

URSIU, E.S.; GALVÃO, C.M. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. Rev Latino-am Enfer., v. 14, n.1, p.124-31, 2006. Disponível em< http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n1/v14n1a17>. Acesso em: 13 mar 2024.